



Isto não são bandeirantes que querem conquistar um Brasil que não era deles. São índios brasileiros que desejam um lugar ao sol nesta pátria que foi deles desde sempre

### ENCÍCLICA E O PROBLEMA DO ÍNDIO

# DRAMA DE 1.080 FAMÍLIAS INDÍGENAS RIO-GRANDENSES

(ÚLTIMO DE UMA SÉRIE)  
Thomaz de A. Lisboa e Egidio Schwade

Correio do Povo  
07/05/67

"Ver-se livre da miséria, encontrar com mais segurança a própria subsistência, a saúde, uma ocupação estável..." Esta aspiração tão humana, descrita por Paulo VI é também uma aspiração do índio.

Também o índio quer "crescer em humanidade para valer mais". E embora pobre tem o índio também a sua riqueza com a qual "pode prestar aos demais uma extraordinária utilidade". Ele "possui uma civilização, recebida de seus maiores: instituições exigidas pela vida terrena e manifestações superiores — artísticas, intelectuais e religiosas — da vida do espírito. Enquanto estas contiverem verdadeiros valores humanos, seria grave erro sacrificá-los às outras. Um povo que o permitisse perderia com isto o melhor de si mesmo e sacrificaria, para viver, suas razões de viver". Dos nossos indígenas herdamos talvez sem nos darmos conta, o melhor do que vai no nosso povo em formação. Aquele equilíbrio humano, tão difícil de ser encontrado hoje em dia numa civilização supertecnizada, não será a melhor contribuição destes 100 mil índios que ainda restam em nosso território? Certamente, na rudeza das armas e dos utensílios mostram-se pobres e nós ricos com os seus pessoais e com os plásticos... Porém, em toda a vivência humana mais profunda: família, trato social, concepções de valores, etc., nós somos e nos tornamos cada vez mais pobres e eles são ricos.

Nesta série de artigos procuramos mostrar o drama por que passam 1.080 famílias indígenas rio-grandenses. O mesmo poderíamos fazer com referência aos indígenas de outros Estados. Tudo isto sucede exatamente porque não se respeitam os princípios cristãos que se pregam.

Em nosso giro pelos postos e toldos, vimos que aos índios gaúchos se aplicam ainda hoje os mesmos princípios que há quatro séculos desencadearam o aniquilamento desta raça que tanto bem nos legou e muito mais nos poderia ter legado, tivesse encontrado um Cristianismo vivido, não apenas pregado. Em nosso giro nós vimos que ainda hoje mãos cristãs assassinam índios como se os assassinavam no tempo de Cortés, Pizarro e Antônio Raposo Tavares. Vimos que o "apartheid" existente entre negros e brancos na União Sul-Africana, aqui existe entre cristãos índios e cristãos brancos. Vimos que a exploração do índio em 1967, não é diferente da do Brasil-Colônia. Índios carregam caminhões de lenha para receberem um pouquinho de cachaca em recompensa. E por triste que pareça, encontramos a par de sacerdotes sinceramente preocupados com a situação do índio — um padre contando com muita graça como éle trocava cachaca por um "papagaio" do índio.

Cabe-nos, portanto, no final desta série fazer uma reflexão já não à luz da Bula "Inter Caetera", de Alexandre VI, senão à luz da Encíclica "Populorum Progressio". Buscamos uma autoridade moral que defenda o índio, que não sabe ler, nem escrever, nem está capacitado ainda, a estudar Direito para tratar de sua defesa.

#### EM BUSCA DUMA ATITUDE CRISTA

Aos colonos que cercam as áreas indígenas gostaríamos de animar a tomarem uma atitude cristã libertadora, com respeito ao índio. Atitude de respeito pelo índio como de um "menor" e como alguém que possui uma cultura diferente da nossa.

Não queremos responsabilizar ninguém pelo que ocorreu até aqui, causando ainda maiores males. Queremos, que se remedeie o que se pode remediar e prevenir para que não se repitam injustiças conscientes ou inconscientes, no futuro.

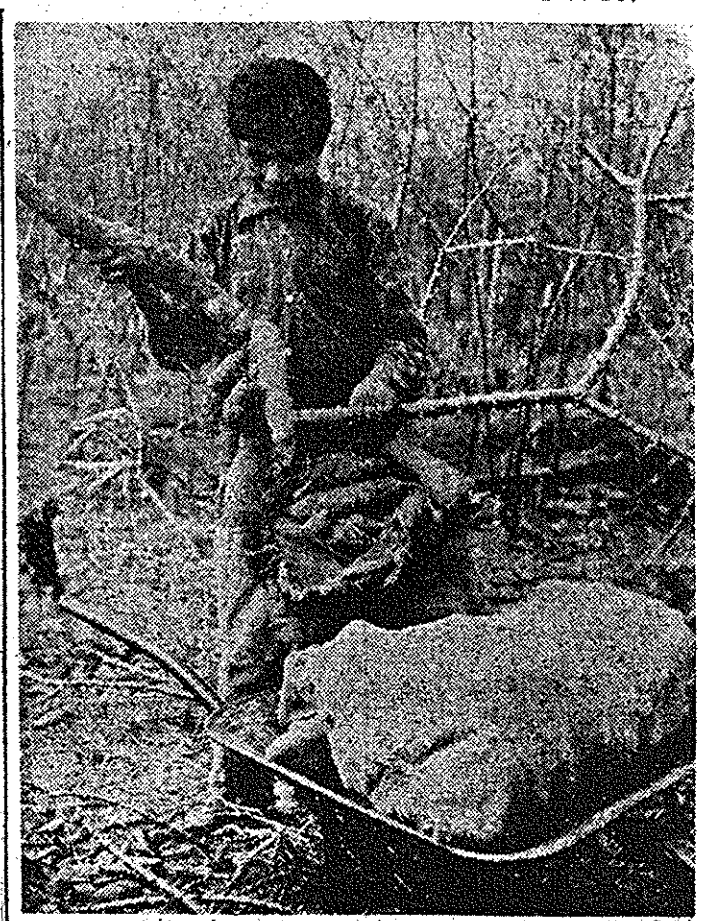
É preciso que se forme uma mentalidade de justiça, uma mentalidade que se sinta responsável pelas injustiças que sucedem à volta. Isto é obra não apenas do vigário, mas de toda a população cristã.

Necessário se torna olhar com nova visão a "Bula Inter Caetera", que animou talvez o desencadeamento da ação que desapropriou os índios de toda a América. É preciso convencer-se de que já terminou a época em que o Papa julgava ter o direito de traçar "meridianos" pelas terras dos índios para reparti-las entre católicos. Que à nossa volta os políticos que tentarem fazer tal ainda no século vinte — mesmo que seja em nosso favor — sejam desarmados pela "Populorum Progressio", que supera a Bula de Alexandre VI em questão de visão humana dos problemas de hoje.

#### O PROBLEMA DOS "SEM TERRA"

O problema dos intitulados "sem-terra", certamente é problema real. Não queremos menosprezar a razão que têm centenas de famílias, quando buscam uma solução para a sua família.

Mas não pensemos que construindo o futuro de nossa família sobre uma injustiça flagrante, estejamos realmente buscando o bem dela. Queremos colocar em questão isto: Por que se desapropriam exatamente aqueles que não têm meios de se defender — nem jurídicos, nem em armas — que nem têm visão de futuro para avaliar as consequências de sua desapropriação, e por que, então, não se há de fazer o mesmo, ou antes, de com aqueles senhores que dominam sozinho uma área enorme? Tais áreas quase desabitadas, não existem a-



Major do que estas raízes de mandioca será a alegria do índio gaúcho quando puder dizer que tudo o que plantar é dele

penas no Mato Grosso e na Amazônia... Por que se há de desapropriar justamente os índios, como se fez nos toldos Votouro, Serrinha, Ventarra e se está procedendo em Nonoai?

Mais cedo ou mais tarde, o problema dos "sem terra" contudo reclamará uma resposta e por que havemos de esconder agora a cabeça atrás de uma injustiça? Não será isto querer tapar o sol com uma peneira?

#### INQUÉRITO EM NONOAI

Mas a situação no Ventarra, Votouro e Serrinha é flagrante demais, para que se instaure um inquérito apenas em Nonoai...

Gostaríamos que antes de qualquer inquérito se resolvessem dois problemas básicos do nosso índio:

- 1) que ele tenha título definitivo para as áreas que ainda lhe restam.
- 2) que seja encarado como problema social. E como tal tenha melhor assistência escolar, sanitária, de subsistência e religiosa.

E isto para que não aconteça, que perdendo-nos em processos que só geram mais ódios e maiores calamidades, continue o que já há quatro séculos vem correndo as terras dos índios, e destruindo toda a raça. Garantam-se antes de mais nada dias melhores para o índio no futuro, depois, se for preciso, instaurarem-se inquéritos para apurar as responsabilidades ocorridas.

#### HEA NOVA PARA O ÍNDIO

Chegou a época de reflexão sobre os erros do passado. E o perdão que hoje nós cristãos nos pedimos mutuamente, pelas desavenças que houve entre nós no passado, convém que estendamos também aos índios, massacrados por culpa e por mãos de quem se dizia cristão. Os que ainda sobrevivem: maltrapilhos, pobres, bêbedos, em situações infra-humanas, sejam erguidos por nós entre lágrimas de arrependimento.

Não foram tratados nem mesmo como homens por nós mesmos antepassados e coevos, muito menos com a delicadeza cristã, que seu caráter de "menor" exigia. Não queiramos associar-nos às injustiças do passado.

Chegou a hora de os procurarmos, seja em suas pobres chocinhas sob o céu azul rio-grandense, seja em seus inhumanos tugúrios, no fundo da mata virgem amazônica, onde passam os últimos instantes de sua agonia de quatro séculos.

Precisamos transformar a "Populorum regressio" que vimos assistindo ao longo da História Americana na "Populorum Progressio", no desenvolvimento dos povos (índigenas) que (também) se esforçam por escapar da fome, da

miséria, das enfermidades endêmicas, da ignorância, que buscam uma participação mais ampla nos frutos da civilização, uma valorização mais ativa de suas qualidades humanas..." (P. Progressio).

Durante a publicação desta série de artigos tivemos a grata satisfação de verificar que diversos de nossos órgãos públicos e homens públicos, se decidiram tomar as providências necessárias para equacionar definitivamente o problema do índio rio-grandense. Notadamente por parte da Assembléia Legislativa do Estado, da Secretaria da Educação e da Revista do Ensino e do Instituto-Gaúcho de Reforma Agrária — bem como de diversos colégios e outras organizações particulares vêm sendo tomadas providências concretas que esperamos sejam o começo de uma nova era para os nossos índios.

Queira você — leitor do "Correio do Povo" — associar o seu plano, a sua idéia e sua ajuda concreta à obra de reerguimento dos índios rio-grandenses. E que o Rio Grande do Sul, tantas vezes pioneiro em iniciativas que se alastraram por todo o País, seja também o Estado pioneiro numa ação séria e profundamente humana de reerguimento do índio de todo o Brasil.



Como vimos nesta série de artigos, nem tudo é tão sorridente para o índio rio-grandense. Se o presente é o que foi descrito sempre fica a esperança de que o futuro que está em nossas mãos e no regaço destes pais seja melhor